



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NA SALA DE AULA

Francisca Márcia Costa de Souza*

1 - A ESCRITA CINEMATOGRÁFICA DOS CONGOS

Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimoniun*, remete a tudo que pertence ao pai, portanto, está associada à herança, aos bens deixados aos herdeiros, familiares, considerado coisa de valor inestimável. Contudo, houve, no Brasil, um significativo avanço na concepção de patrimônio, bem como nas políticas de valorização e preservação, incluídas novas metodologias de preservação, novos bens patrimoniais e sujeitos e tempos do patrimônio. Dessa maneira, não apenas os bens de pedra e cal são considerados patrimônios, os modos de fazer um delicioso bolinho, doce ou farinha, receitas, muitas vezes, que passa de geração em geração, podem compor a lista de bens patrimoniais de uma comunidade. Nesses casos, incluem-se o modo de fazer, quer dizer, o procedimento, o jeito de mexer, de assar, os utensílios utilizados. Assim, os nossos pais podem deixar terras, objetos, dinheiro, como também o segredo dos pontos dos bordados, as técnicas de feitura de uma panela de barro, os modos de fazer um doce. Com a mudança e alargamento da perspectiva de patrimônio, modificaram-se também as políticas de sua preservação: registro e inventário por exemplo. Contudo, nesse estudo considera-se

* Mestrado em História do Brasil pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Especialização em História Sociocultural pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Técnico em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI. Membro do grupo de pesquisa CNPq/UFPI “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural”. E-mail: marciacostax@gmail.com

também como medida preservacionista do patrimônio cultural imaterial o filme etnográfico, que, muitas vezes, utilizam o contato direto com o bem a ser registrado, por meio da etnográfica, da observação participante, da metodologia, da história oral e o registro diário no caderno de campo.

A etnografia como gênero científico, literário, descrição baseada no contato direto com o objeto observado, ou seja, viver na comunidade, aprender a língua nativa. A palavra que defini a observação participante é a experiência; a princípio era utilizada como método para descrever e observar sociedades cultural e socialmente distantes. O cinema incorporou essa tendência em relação ao registro do outro como exótico. As produções eram atraentes, evidenciando a curiosidade, a fantasia. Todavia, a partir dos anos 1950, passaram a focar o universo próximo e familiar. Segundo Patrícia Monte-Mor (2004), os filmes etnográficos possuem muitas tendências. Tanto podem incluir o registro de uma viagem e relatos administrativos coloniais no século XIX e os registros fílmicos de uma sociedade e cultura.

O filme etnográfico como registro de aspectos exóticos da cultura vai dando lugar a uma produção documental particular, baseada em casos específicos, que já tem seus fóruns próprios de exibição e debate, que cresce no rastro do interesse renovado pelo cinema documentário e sua diversidade, a partir dos movimentos da década de 1990 (MONTE-MÓR, 2004, p. 113).

Os filmes etnográficos combinam observação direta, entrevistas, documentos, presença de várias vozes, trilha sonora, relatos e imagens. Nessas condições, “Congos: ritmo e devoção” é um documentário etnográfico produzido em 2008/2009, no Bairro do Rosário, comunidade afro-brasileira, na cidade de Oeiras, primeira capital do Estado do Piauí até 1852, quando é transferida para Teresina, tem duração de 15 minutos, de autoria da professora e documentarista Áurea da Paz Pinheiro e da fotógrafa Cássia Moura; fez parte do Programa MONUMENTA/IPHAN, Ministério da Cultura; financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a UNESCO. Nesta obra, o argumento central é a teatralização e a dramatização de devotos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito durante as festas em louvor a estes santos.

Desde 2007, realizamos pesquisas de natureza histórico-etnográfica, que nos permitiram olhar a história, a etnográfica, o filme e a fotografia documentais como possibilidades de capturar dramatizações, teatralizações e diálogos imersos no universo da cultura brasileira (PINHEIRO; MOURA, 20011, p. 7).

Assim, comunidade desfila seus anseios e expectativas por meio da dança, da música, dos símbolos, das cores e dos sons. As danças ocorrem em frente das igrejas e durante os festejos em louvores aos referidos santos, portanto, os Congos são danças de homens que louvam e celebram seus santos de devoção negra.



Figura 1: Capa do documentário "Congos: ritmos e devoção. Disponível em <http://educararteseoficios.blogspot.com.br/2011/07/congos-ritmo-e-devocao.html>. Acesso 21/10/2014.

Os Congos é uma manifestação cultural da comunidade oeirense, uma tradição secular do nordeste brasileiro. Além de apresentarem os ritmos e cantos durante as festas dos santos de devoção negra em Oeiras, o grupo também participa de eventos culturais e folclóricos no Brasil durante todo o ano. Todavia, o documentário dá conta apenas das apresentações durante as festas religiosas. A pretensão do trabalho era registrar, reconhecer e divulgar essa expressão da cultura piauiense, portanto, valorizar a sua identidade cultural, marcada por símbolos, cores, sons e danças, além de ser a expressão do sentimento religioso do catolicismo popular e uma manifestação cultural da comunidade afro-brasileira nordestina. Além disso, fabricar fontes e documentos para a investigação da cultura e do patrimônio piauiense.

Segundo Áurea Pinheiro e Cássia Moura (2011) existem muitos desafios na produção do audiovisual, especialmente “as apropriações com o método etnográfico, que se materializa em conhecimento e observação direta de grupos humanos, de culturas que estudamos” (2011, p. 8). Nesse sentido, o encontro com o outro durante as observações diretas não se dá sem estranhamento e conflito, ou seja, desse desencontro a cultura de si

e do outro se destacam em sua especificidade e singularidade. O documentário utiliza o método de pesquisa histórico-etnográfica e a história oral, especialmente entrevista temática, fundamentada especialmente por Thompson (1992) e Albert (2004).

O termo filme documentário ganhou fôlego em 1926, é um gênero do documentário, realizado por historiadores, etnólogos, antropólogos, abordando especialmente conteúdo etnográfico, fruto de pesquisa de campo e diálogo com a comunidade, sem a participação de atores, de encenação e roteiro fixo. Geralmente registra a emoção dos participantes, não se tem a pretensão representar a realidade do objeto investigado, mas produzir uma leitura flexível, parcial, subjetiva e fragmentária, uma vez que nos encontramos diante da impossibilidade de dar conta da totalidade do objeto.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário é um dos templos católicos mais antigos da cidade de Oeiras, provavelmente data de antes de 1711, foi erguida no lugar de uma capela que compunha o antigo conjunto arquitetônico de Domingos Afonso Mafrense, conhecido como Largo do Rosário. Nesse templo acontecem além da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, as celebrações a São Benedito e São Sebastião. Contudo, o mês de outubro é o mais festejado por conta da festa a Nossa Senhora das Dores. Nesta ocasião, os devotos sobem na “colina santa” para tirar o rosário e rezar o terço. A colina do rosário é onde está localizada a nascente d’água que marcou o início da colonização do sertão de dentro no Piauí, atravessada pela civilização do couro, onde se instalaram as fazendas de gado às margens do riacho mocha.



Figura 2: Igreja do Rosário. Oeiras (PI). Foto: Arquivo Fundac.

Os Congos de Oeiras é um grupo cultural que teve origem no período imperial brasileiro, quando Oeiras era ainda capital do Piauí, estendendo-se de forma atuante até a década de 1940, a partir de então deixou de ser festejado, provavelmente por conta da Segunda Guerra Mundial, retomando suas atividades em 1985. Os Congos são formados essencialmente por homens dançarinos que se vestem de mulher, eles festejam e louvam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, santos de adoração e proteção dos negros. Nessa ocasião, os homens usam maquiagem e saias rodadas. Após as missas e o leilão, tem-se início a dança dos homens do congo, utilizam-se pandeiros, maracás e tambores. A dança também marca uma encenação, conta a história da visita de um embaixador vindo de outro país que acaba por ser convencido a louvar Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, considerados santos dos humildes, dos negros e dos pobres. O ato inicial do ritual é atravessado pela entrada pomposa do rei, que, possua vez, senta-se no trono; seguindo por sua ordenança, que cuida da segurança da referida majestade. Os demais congueiros formam duas filhas uma de frente para a outra com um estandarte em destaque, no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 3: Congos de Oeiras. Disponível em <http://folhadeoeiras.com/index.php/index.php?pg=noticia&id=5017>. Acesso 21/10/14.

Em linhas gerais, os personagens da dramatização são: o Rei Congo (defensor da fé), o Embaixador, a Ordenança (segurança do rei) e o Secretário (transmite as ordens do rei). Eles rodopiam com suas saias esvoaçantes e mostram santos católicos. O rei veste vermelho, tem na cabeça uma coroa amarelo cor de ouro; o ordenança usa blusa azul e calça vermelho, tem, ainda, uma espada de lado. Os homens dançantes vestem saias de

cetim branco, arrematadas com detalhes em vermelho e azul. Na cabeça, chapéus em forma de cone com fitas douradas que se expandem ao som do movimento dos congos.



Figura 4: Na dança os principais personagens são: o Rei Congo, o Secretário, a Ordenança, o Embaixador. Foto de Carlos Lustosa Filho/CidadeVerde.com

Após rodopiar no adro da Igreja do Rosário, cantam a salve-rainha. Nessa ocasião, não usam os instrumentos musicais, permanecem todos em silêncio. Essa é maneira de louvar Nossa Senhora. Contudo, para celebrarem São Benedito dançam e cantam:

Que santo é aquele que vem no andor? É São Benedito com seu esplendor. Meu São Benedito conceda licença para dançar esse congo na vossa presença. Meu São Benedito é santo de preto que fala na boca e responde no peito. Meu São Benedito é negro na cor, mas é estimado no divino amor. Meu São Benedito fulô de aroeira abençoai meu santo o povo de Oeiras. Meu São Benedito eu queria saber o dia e a hora que hei de morrer (RÊGO, 1986, p. 116).

A dança ocorre em outros momentos, quando, por exemplo, cantam a música do congo. Em seguida, teatralizam a saudação do rei ao embaixador de outro país. O rei chama o secretário para um conversa na qual pede licença a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito para cantar e dançar para o embaixador. O secretário remete a ordem do rei aos seus companheiros, que, por sua vez, atendem ao pedido. Nessa ocasião, o embaixador se posiciona entre as duas filas de congueiros e diante do rei. A majestade pergunta ao embaixador se vem de paz ou de guerra. O embaixador responde que vem de paz, puxando a espada e a cruz por cima do rei, que se assusta. Diante do assombro, a

ordenança e o embaixador lutam. Após a luta, o rei se levanta, manifesta a opinião que tudo está bem, pede que cantem para saudar a saída do embaixador, que o considera ser uma pessoa de paz, portanto, defensor de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Assim, o embaixador junta-se a todos os congueiros, por meio da dança, música e louvação aos santos pretos. O rei ordena que cantem a marcha da retirada, posicionando-se no centro dos congos.

Os Congos é uma expressão cultural e artística do nordeste brasileiro, expressa a beleza, o ritmo e a música afro-brasileira. Durante as suas apresentações, especialmente no último dia festa de Nossa Senhora do Rosário, atrai a população com os sons, as cores, os ritmos e as danças gingadas por homens vestidos de mulheres. Ainda, faz parte do patrimônio cultural imaterial do Piauí porque fortalece a comunidade, dar o tom e a cor aos laços de pertencimento e identidade de Oeiras, no Estado do Piauí.

2 - PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E HISTÓRIA ENSINADA

O alargamento do conceito de patrimônio cultural no Brasil está relacionado com “as alterações sofridas pelas acepções do conceito de cultura e patrimônio” (PELEGRINE; FUNARI, 2008, p. 31), ainda diretamente imbricada com as formas de convívio social, padrões culturais e a historicidade dos conceitos. Assim, foi colocada sob suspeição o caráter monumental dos bens patrimoniais, destacando, por outro lado, a diversidade cultural, privilegiando as culturas tradicionais e popular. Por cultura imaterial entendemos riquíssimas e heterogêneas práticas, ofícios, saberes, expressões artísticas, festas, celebrações que marcam a vivência e a experiência dos sujeitos.

Para tanto, enquanto documento histórico, leitura e escrita do fenômeno da história, o filme documentário “Os Congos” possibilita discutir a natureza do patrimônio cultural imaterial, bem como é uma oportunidade de pensar, refletir, pesquisar e ensinar a história da cultura negra no sudeste do Piauí. Nesse aspecto, o filme é uma das possíveis escritas sobre os congos de Oeiras. Assim, a problemática do filme etnográfico e sua interlocução com a história ensinada não se esgota no filme em si mesmo, pois a escrita cinematográfica possibilita múltiplos e singulares olhares sobre a temática, uma vez que demanda uma metodologia participativa e diálogo intenso com a comunidade pesquisada, especialmente caracterizada pelo contato prolongado com os sujeitos, a sensibilidade no momento do registro fotográfico e do caderno de campo, bem como a escolha dos

entrevistados, o tratamento dados a eles no filme, evidenciado pela natureza das questões que lhe são direcionadas, os cortes das falas e os ângulos que os enquadram.

Assim, interessa-nos o diálogo que tornou possível essa escrita e não outra sobre os congos, diretamente relacionada com as escolhas do referencial e da metodologia de pesquisa. Por outro lado, é preciso esclarecer nesse diálogo com a cultura da comunidade do Rosário em Oeiras, sobressai o ensejo de criar a possibilidade de outros olhares e pesquisas sobre a cultura imaterial desta cidade; primeiramente, um trabalho de sensibilização dos sujeitos aprendentes sobre o aporte teórico que orienta o uso do filme e o recorte temático trabalhado no filme; em seguida, discorrer sobre o processo de produção do conhecimento histórico e finalmente proporcionar a possibilidade do ensino de história por meio da pesquisa que evidencie os alunos como sujeitos da história e da produção do conhecimento, ou seja, que problematize as fontes como invenções possibilitadas pelo tempo e espaço de suas instituições, que destaque também a sensibilidade que atravessa o ensinar e pesquisar história.

Assim, nesse estudo privilegia-se o uso do filme etnográfico em sala de aula como porta aberta para o diálogo entre a cultura imaterial e a história ensinada. Além disso, consideramos o filme etnográfico enquanto método de registro, valorização e preservação do patrimônio cultural imaterial. Assim, por que o patrimônio cultural imaterial é considerado nesse estudo como possibilidade de pesquisa e ensino de história? Quais as condições de ensino e aprendizagem possibilitam a discussão do patrimônio cultural na sala de aula?

Quanto ao primeiro questionamento, porque, geralmente, o patrimônio cultural imaterial está relacionado aos aspectos culturais de comunidades tradicionais como a quilombola e indígena, que, no Brasil, ao longo dos séculos, sofreram com saques e preconceitos, especialmente o desconhecimento quanto a diversidade dessas matrizes culturais; enfatizando ainda os saberes, os fazeres, as celebrações, dando visibilidade e dizibilidade as tradições regionais. O estudo do patrimônio cultural imaterial também proporciona a discussão de vários conceitos caros à história, como o de cultura, identidade e diferença e memória. Essas discussões proporcionam ao educado a possibilidade de conhecer a si próprio, valorizar a sua cultura através da reflexão que privilegie a identidade e a diferença, o diálogo com as referências de memória da comunidade e a intervenção direta na produção de saberes sobre ela. Além disso, como se trata especificamente do patrimônio cultural imaterial em sala de aula por meio da escrita

cinematográfica, atentar-se também para a feitura do filme etnográfico é uma oportunidade de refletir sobre os múltiplos sujeitos da história, trazendo à tona personagens silenciados, especialmente das expressões culturais tradicionais afro-brasileiras e indígenas que vivem ou viveram tanto em comunidades rurais e urbanas. Assim, a perspectiva do ensino-aprendizagem da história se pluraliza à medida que os discentes tomam consciência do processo de produção do conhecimento, que envolve seleção, recorte, instituição e tratamento das fontes, que cada olhar se diferencia do outro a partir do lugar de saber através do qual se posiciona o objeto histórico.

Já o segundo aspecto, considera-se o ensino que se faz ao ensinar. Dessa maneira, privilegia-se o processo de produção do conhecimento, o debruçar-se sobre a própria prática à medida que entra em contato com os discentes, apontado para o centro de discussões em sala de aula os métodos, as técnicas e as metodologias de investigação histórica, ou seja, o ensino-aprendizagem ocorre quando se enfoca os modos e os lugares de sua produção. Dessa maneira, considerando o filme etnográfico como uma escrita da história no interior de muitas outras possíveis, pode-se, assim, enfatizar as questões que o envolveram e motivaram sua feitura, os métodos utilizados, os personagens e seu tratamento, as fontes trabalhadas, o diálogo entre entrevista, música, texto e documento, o ângulo e o recorte da câmera (trabalho de edição das imagens), ou melhor, nestes últimos aspectos, a possibilidade de escrever história tendo em vista o intercâmbio entre os sons, as cores e os ritmos. Assim, privilegiar a história como construção, recorte, escolha, seleção, onde os interesses e as paixões podem determinar olhar sobre a história.

Quanto ao uso do filme etnográfico *Os Congos: ritmo e devoção* no ensino de história, o ponto de partida é considerar que o filme não é o reflexo do real, mas uma representação, uma escrita determinada por um lugar social, e que muitas outras podem ser possíveis. Assim, o filme não é o real, mas um olhar sobre os Congos de Oeiras, possibilitado pelo intercruzamento de sons e imagens, a articulação de entrevistas e textos, ou seja, os elementos de seleção de cena e ângulo, os silêncios e as fugas, as abordagens e as intenções dos personagens. Depois, conhecer a comunidade na qual os discentes vivem, valorizar os fazeres e dizeres locais, destacar os guardiões da memória desses espaços, evidenciar as expectativas e anseios dos educandos, atentando, assim, para seus interesses e paixões. Articular a história ensinada com os saberes da comunidade, privilegiando a sala de aula como espaço de valorização, preservação e produção de saber da comunidade. Para tanto, a história ensinada precisa criar condições

de ensino-aprendizagem que privilegiem o intercâmbio entre as gerações, sobretudo que traga à tona vozes silenciadas e expressões artísticas, celebrações, modos de fazer culinários e outras artes.

Como enfatizamos anteriormente, o filme *Os Congos* é uma representação sobre as danças de homens oeirenses que louvam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito no sudeste piauiense. A exibição do filme é uma possibilidade de ensino-aprendizagem de história. Ela pode ocorrer na sala de aula com os alunos, como na comunidade, privilegiando o diálogo especialmente com os membros dos congos. O filme exibido em sala de aula objetiva-se sensibilizar os educandos sobre a diversidade e riqueza cultural de sua comunidade. Incentivando, para tanto, que dialoguem com os sujeitos destacados no filme.

Além disso, podem por meio dessa conversa produzir novos olhares sobre os congos, especialmente através produção de fotografias e exposição delas na escola, na comunidade, praças e outros espaços de cultura e lazer da região. Já a exibição do filme para comunidade pode ser considerado um retorno valioso para ela, uma vez que podem se vir, comentar, emocionar-se, fazer revelações, reivindicar espaço e ressignificar seu lugar social. Nessa ocasião, os discentes podem fazer os registros dessas emoções e das provocações que a imagem em movimento provoca nos congueiros e na comunidade em geral. Descrever esse encontro, essa troca, ou melhor, compreender as produções subjetivas do contato que a comunidade tem com a película é muito enriquecedor para todos os envolvidos nessa experiência, pois alarga o conhecimento sobre a comunidade, à medida que eles se enxergam como sujeitos da história, pois conhecem e valorizam, portanto, vivenciam as danças dos homens que se vestem de mulheres para louvarem Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, os congos de Oeiras (PI).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
_____. **Ouvir contar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BEZERRA, Marcia; SCHAAN, Denise Pahl (orgs.). **Arqueologia e Educação Patrimonial em Serra Leste, Curionópolis, Pará**. 1. ed. Belém: GKNoronha, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Feranandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo, 2008.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

MONTE-MÓR, Patrícia. Tendências do documentário etnográfico. In: TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. **Documentário no Brasil. Tradição e transformação**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004, p. 97-116.

PELEGRINE, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PINHEIRO, Áurea; FALCI, Miridan Britto; LIMA, Solimar Oliveira. **Patrimônio e Cultura Negra**. Teresina: Edições VOX MUSEI arte + patrimônio, 2014.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia. História oral, filme documentário e etnografia escrita. Disponível em <<http://encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anis/3/1340419914arquivotextohistoriaoralrj2012pdf>>
Acesso em 20/10/2014.

PINHEIRO, Áurea e MOURA, Cássia. Cultura, religião e cinema documentário. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des) Igualdades**. Salvador: UFBA, 2011.

PINHEIRO, Áurea; PELEGRINE, Sandra C. A. (orgs.). **Tempo, memória e patrimônio cultural**. Teresina: Edufpi, 2010.

_____. **Congos: ritmo e devoção**. Documentário Etnográfico. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009.

Sites consultados

<http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=DA28EB8807D298E5CA099E6D5DE4868A?id=14420&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>

<http://vimeo.com/63521959>

<http://insigneweb.blogspot.com.br/2009/05/lancamento-do-livro-celebracoes-e.html>

<http://folhadeoiras.com/index.php/index.php?pg=noticia&id=5017>

http://cidadeverde.com/caravana25/caravana25_txt.php?id=31510